



O PROCESSO DE (DES) COLONIZAÇÃO ASSOCIADO AO FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE NACIONAL, POR MEIO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA, EM CABO VERDE

Uryelton de Sousa Ferreira

RESUMO: Este artigo traz à baila conceitos e reflexões sobre a teoria pós-colonial, com destaque para a pesquisa do aporte de teorias produzido pelos principais teóricos do pós-colonialismo, enfatizando-se o processo de construção da identidade nacional, por meio da literatura, no arquipélago de Cabo Verde, bem como tomando como foco de análise algumas questões intrinsecamente ligadas à trajetória literária cabo-verdiana, explicitando-se um novo panorama de construção da identidade individual e coletiva naquele país, consubstanciado no desaguar de ideologias relativas à ruptura com o arquétipo engendrado pelo sujeito colonizador na cultura e sociedade cabo-verdiana.

PALAVRAS-CHAVE: Colonização. Descolonização. Identidade Nacional. Literatura. Cabo Verde.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como escopo apresentar e analisar alguns conceitos relativos à teoria pós-colonial e dar impulso ao debate sobre o binômio colonização e descolonização, demonstrando também como o movimento com gênese na reconstrução e resgate da identidade nacional, em países como Cabo Verde¹ se configurou, por intermédio da literatura, em um processo de ruptura com o arquétipo engendrado pelo sujeito colonizador na cultura e sociedade cabo-verdiana, sobretudo no transcurso do século XX, por ocasião do fim da dominação da metrópole portuguesa nessa ex-colônia.

Deste modo, torna-se relevante compreender como o discurso literário tem se construído, especificamente após o fim do domínio português em Cabo Verde, desvendando-se novas facetas da construção da chamada cabo-verdianidade, considerando alguns aspectos da chamada teoria pós-colonial que revelam, sobretudo, importantes esclarecimentos sobre a discussão no que tange às obras literárias e o contexto em que estão inseridas dentro dos interesses das metrópoles colonizadoras, relativamente a um dado intervalo da história.

¹ O arquipélago de Cabo Verde, distante cerca de 450 km do continente africano, com área total de 4.033 km² e que, até o ano de 1975, era colônia de Portugal, é de origem vulcânica e constituído de dez ilhas, entre as quais nove são habitadas, divididas em dois grupos: Ao norte, as ilhas de Barlavento: Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal e Boa Vista. Ao Sul, as ilhas de Sotavento: Maio, Santiago (onde está localizada a cidade de Praia, capital do País), Fogo e Brava.

Inicialmente, mister se faz destacar que os estudos da teoria pós-colonial compreendem todos os reflexos e desdobramentos socioculturais decorrentes do período imperialista das nações européias, com um olhar detido sob a gênese no processo de oposição ao domínio das nações colonizadoras.

Apesar da relação de colonização estar revestida da máscara de um “pseudo caráter civilizatório”, sabemos que se perpetuou como relação desigual entre os dois polos mesmo após o advento das independências das nações até então submetidas ao jugo das metrópoles colonizadoras.

Nessa perspectiva, importante salientar que a despeito de tais estudos ganharem contornos mais específicos somente em décadas recentes, diversos autores, críticos da temática pós-colonial em comento, há muito já se debruçavam na análise da teoria pós-colonial. Neste sentido, Albert Memmi, escritor tunisiano, questiona a relação dos sujeitos dominados pelo poder opressor do colonizador:

A liquidação da colonização é apenas um prelúdio à sua libertação completa: à reconquista de si. Para libertar-se da colonização foi necessário partir da sua própria opressão, das carências de seu grupo. Para que sua libertação seja completa, é preciso que se liberte dessas condições de sua luta, certamente inevitáveis. (MEMMI, 1967, p.126)

Corroborando com o pensamento de Memmi, no sentido da necessidade da libertação das amarras opressoras do sujeito colonizador, o crítico porta voz do pensamento pós-colonial, o indiano Homi Bhabha em *O Local da Cultura* (1998), dá impulso a uma crítica fervorosa no que diz respeito a diversos aspectos da herança cultural deixada pelas metrópoles colonizadoras, alçando uma discussão sobre a edificação da fala de poder que dá substrato à dominação de uma nação sobre a outra.

Sob a perspectiva da análise de fatores intimamente ligados à formatação de sujeitos culturais híbridos, encetados uma dinâmica de mistura com outras culturas, esses sujeitos são considerados dispostos em fronteiras, nas fendas de espaços contíguos denominados por Bhabha de “entre-lugares”, que:

Fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidades e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato definir a própria ideia de sociedade. (BHABHA, 1998, p.20)

Edward Said, intelectual palestino e crítico literário, explicita as relações de

poder/saber as quais configuram as inúmeras vertentes do imperialismo que permeia as culturas ocidentais, sobretudo no que diz respeito ao esforço empreendido na busca da interdependência entre tais culturas, com a superação de problemas relacionados a questões histórico-políticas da sociedade contemporânea, considerando o hibridismo e a heterogeneidade como características intrínsecas da configuração cultural das ex-colônias. Em “Cultura e Imperialismo” (1995), o autor pondera sobre o período pós-colonial como um intenso processo de busca, por parte das ex-colônias, de suas próprias histórias, afirmando que:

nas mais díspares regiões pós-coloniais vemos um enorme esforço para se iniciar um debate com o mundo metropolitano em pé de igualdade, que mostre a diversidade e as diferenças do mundo não europeu e apresente suas prioridades, as coisas a fazer, e suas próprias histórias. (SAID, p.46)

Compondo também o grupo de pensadores estudiosos da teoria pós-colonial, Frantz Fanon, em “Os Condenados da Terra”, obra chave que consideramos ponto de partida para o entendimento da temática pós-colonial, destaca os males advindos da relação colonizado e colonizador, onde valores sociais e morais baseados no sentimento de pertencimento à pátria mãe são simplesmente destruídos pela ideologia capitalista das metrópoles, fazendo do processo de colonização “... a substituição de uma espécie de homens por outra espécie de homens...” (FANON, 1968, p.25).

Nesta perspectiva, através da teoria pós-colonialista, identificam-se os ideais de resistência ao processo de colonização e ao colonialismo, uma nova forma de pensar a relação entre o centro e a margem, a tentativa da desconstrução da ideologia imperialista e o desejo de se fazer ouvida a voz dos que tiveram sua história “distorcida”, por isso o pós-colonialismo.

Para além do enfoque temporal dos termos colonialismo e pós-colonialismo, temos que no âmbito dos estudos literários, objeto de nossos estudos, essa perspectiva cronológica engloba a efetiva contestação do colonizado delineada em seus escritos, quando do questionamento da falsa atuação “positiva” das nações colonizadoras no estado de desenvolvimento cultural em que se encontravam as nações colonizadas.

Neste sentido, muito se tem discutido sobre os reais efeitos herdados dessas influências colonialistas, no que tange às efetivas consequências no panorama literário produzido pelas ex-colônias com base nas influências coloniais e pós-coloniais. Stuart Hall (2003) assevera que:

O “pós-colonial” não sinaliza uma simples sucessão cronológica do tipo antes/depois. O movimento que vai da colonização aos tempos pós-coloniais não implica que os problemas do colonialismo foram resolvidos ou sucedidos por uma época livre de conflitos. Ao contrário, o “pós-colonial” marca a passagem de uma configuração ou conjuntura histórica de poder para outra. (HALL, p. 56)

Em se tratando da produção literária concomitante ao período colonial e mesmo após os intensos processos de formatação da identidade nacional das nações libertas do jugo colonial, sob o viés da discussão de mudança de conjuntura histórica nas ex-colônias, a partir da década de 1950, escritores usaram a força das palavras em defesa do sentimento de liberdade que tomou conta dos países africanos.

Na África dos séculos XX e XXI, as obras literárias ganharam a propulsão do sentimento anti-colonialismo, após o processo que culminou na independência das atuais nações africanas de língua originária portuguesa, delineando-se novos no processo de obtenção de uma efetiva afirmação indentitária. O ideal libertário, bem como o desejo de impor a individualidade africana forjaram as bases para uma efusiva produção literária com alicerces que remontam ao século XV. Nas palavras de Manuel Ferreira (1986):

A literatura africana de expressão portuguesa nasce de uma situação histórica originada no século XV, época em que os portugueses (cronistas, poetas, historiadores, escritores de viagens, homens de ciências e das grandes literaturas europeias) iniciaram a rota de África, continuando depois pela Ásia, Oceania e América. (FERREIRA, p.11)

Desta feita, a produção literária das ex-colônias, arraigada na égide do domínio colonial português nos atuais países de Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde, pensava os momentos de oposição com as matizes que assinalam o binômio colonizador x colonizado, numa busca incessante de afirmação identitária. Neste sentido, de acordo com Moreira, a construção da identidade nacional:

É precisamente um processo que se leva a cabo em contraste dialógico com os demais, uma operação baseada no jogo de semelhanças e diferenças (...) a identidade, tal como é referido desde a filosofia grega ou do cristianismo até à ilustração é, simultaneamente, o comum e o indivisível e o diferente e o inconfundível. É a permanência e a mudança, o próprio como dado e o próprio como adquirido



(MOREIRA, 2011, p. 40).

Especificamente no caso de Cabo Verde, o país da morabeza², sua história é marcada por diversos momentos que demandaram esforços no sentido de reivindicar direitos sociais e políticos, com esteio na luta pela libertação do jugo colonizador de Portugal perpassando por um processo de busca da valorização do sujeito cabo-verdiano com base em uma perspectiva africana e não europeia.

Alguns acontecimentos foram de vital importância para atingir esses objetivos, como a Revolução Liberal ocorrida na Espanha, em 1820 e o processo que culminou na Independência do Brasil em 1822. Nesse contexto, é no decorrer do século XX, que temos uma proliferação de diversos movimentos que buscavam a independência do país.

Passados cinco séculos do domínio de Portugal em território cabo-verdiano, quando em 05 de Julho de 1975, a República de Cabo Verde era constituída, com o governo dirigido pelo PAIGC (Partido para a Independência de Guiné Bissau e Cabo Verde), nos deparamos com uma efusiva produção literária com identidade singular, em contraponto com os arquétipos europeus, especificamente os portugueses.

Deste modo, “os escritores do arquipélago de Cabo Verde procuravam voltar as costas para modelos temáticos europeus. Seus olhos se fixavam no chão crioulo, próprio da mesclagem étnica e cultural de seu país” (ABDALA JUNIOR, 2007, p.263).

Importante salientar que as consequências do colonialismo português em Cabo Verde não foram tão impactantes como em outras regiões do solo africano que foram submetidos ao domínio da Coroa Portuguesa. Com isso, teve sua gênese um panorama extremamente fértil para uma proeminente produção literária na nação cabo-verdiana.

No entanto, deve-se destacar que a produção literária em Cabo Verde não surgiu devido ao acaso. Uma pluralidade de escritores trabalham constantemente no processo de afirmação identitária daquele país, em abordagens que tematizam aspectos de singularidades do povo cabo-verdiano, seja no contexto sociocultural, político ou filosófico, priorizando aspectos relevantes afeitos às raízes da cultura cabo-verdiana. De acordo com Filho (2003):

² Tem-se no termo morabeza, como significado mais conhecido, a singularidade no tratar do povo cabo-verdiano em relação aos visitantes do arquipélago, baseada no amor e hospitalidade acompanhados do sorriso dos ilhéus.

Tendo presente que na altura do povoamento das ilhas era norma apenas seguirem colonos para as novas terras, no caso cabo-verdiano aqueles acabaram por ter filhos com as escravas, facto que facilitou as relações de aculturação e proporcionou as condições para a formação no arquipélago de uma sociedade baseada na mestiçagem (de europeus com africanos) (FILHO, p.19).

Sob este prisma, é no século XIX que surgem as primeiras produções no campo da literatura em Cabo Verde. Em 1890, na Ilha de São Nicolau, considerada o polo intelectual cabo-verdiano, temos o surgimento das primeiras manifestações literárias no que concerne à poesia. Tal período perdurou até o ano de 1930, tendo como principal representante Eugénio Tavares, jornalista, escritor e poeta cabo-verdiano, responsável pela remodelação e inserção no gosto popular da morna, produzindo suas composições musicais na língua crioula.

Nessa perspectiva, a partir da década de 30, influenciados por fatores sociais, históricos, políticos e no âmbito literário que efetivamente há uma preocupação uníssona por parte dos escritores cabo-verdianos no fortalecimento do processo de construção da identidade de Cabo Verde.

Contudo, no ano de 1936, com sua edição em Mindelo, na Ilha de São Vicente, surge a Revista “Claridade”, originada em um momento histórico de emancipação política, cultural e social do povo cabo-verdiano. Com sua primeira edição escrita pelo trio de intelectuais cabo-verdianos, Baltazar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes, foi publicada de 1936 a 1960, período influenciado pelo modernismo português e pela literatura brasileira.

A chegada de Claridade definiu o ponto mudança da escola romântica e classicista dominante na antiga metrópole portuguesa para o chamado novo Realismo, que mais se amoldava ao desejo de formação de uma identidade nacional que refletisse o olhar dos intelectuais cabo-verdianos voltado para sua terra e cultura. FERREIRA (1987) e ANJOS (2006) destacam a importância do advento da Revista Claridade para uma efetiva consolidação de uma produção literária baseada na identidade nacional cabo-verdiana:

Esta [a definição entre pátria cabo-verdiana e pátria metropolitana] é uma das dramáticas ambiguidades literárias destes poetas. Ambiguidade que irá ser resolvida, esteticamente, pela rasura, pela ausência diríamos completa do Pai, da Pátria, por parte do grupo da Claridade (1936). O complexo edipiano será definitivamente



ultrapassado com a geração da *Certeza* (1944) e a do Suplemento Cultural (1958) que colaborarão no parricídio definitivo – a morte do suposto Pai: o colono – assumindo-se Cabo Verde, simultaneamente, como Mãtria e Pátria, restabelecendo-se assim o equilíbrio social e cultural. (FERREIRA, p. 33)

É só com a geração *Claridade* que a literatura se torna objecto de disputa e os intelectuais se dispõem mais a assumir confrontos do que a repetir as célebres encontros de celebração da rara e prestigiosa condição de poeta: a partir da década de 30, os poetas já, não apenas, comemoram publicamente seus encontros “sob o olhar do povo”, mas também passam a defrontar-se sob a atenção consagrada dos poucos leitores (ANJOS, p. 88)

Contudo, a produção literária em Cabo Verde, no período pós claridoso, mesmo não abordando de forma direta questões voltadas para o âmago do debate do panorama colonial, atribuía um valor significativo para a difusão dos elementos ligados a cabo-verdianidade, entendida como “uma forma de regionalismo social, com marcas implícitas de autonomia nacional” (ABDALA JUNIOR, 2007, p.281).

Neste viés, a partir do final da década de 80 e início dos anos 90, percebemos o surgimento de uma nova estética e novas preocupações desta literatura, produzida em continente africano após o processo colonial. É uma literatura mais preocupada em debater o próprio processo identitário, através de um discurso bastante heterogêneo. Há uma preocupação em discutir esta nação que se construiu, em problematizar esta nação, e mostrar as contradições e pluralidades identitárias.

Após a *Revista Claridade*, outras publicações surgiram no sentido da consolidação identidade nacional cabo-verdiana, como *Certeza* (1944), Suplemento Cultural (1958), a *Revista Raízes* e o Suplemento Seló (1977), estabelecendo-se, com a edição dessas revistas, um profícuo contraponto entre aspectos socioculturais relacionados ao povo do arquipélago e a questões pertencentes à antiga metrópole portuguesa, considerando os laços históricos, políticos e econômicos que unem tais nações.

Como a série cabo-verdiana ainda é muito recente e até o presente momento ainda são muito poucos os estudos sistemáticos sobre suas obras e autores, sabemos que ainda hoje se busca compreender a “cabo-verdianidade” e seus desdobramentos, suas implicações sócias, políticas e literárias. Nas palavras de David Hopffer Almada:

A percepção e a defesa da caboverdianidade e sua individualização em relação à cultura portuguesa reside precisamente no fato de se tratar de



uma cultura mestiça dotada de uma grande dinâmica e capacidade de moldagem frente a influências exteriores sem, no entanto, perder a sua própria singularidade. Aliás, é esta característica que assemelha a Cultura Cabo-verdiana à Brasileira. Esta, para além das influências-chaves das culturas portuguesa, africana e ameríndia, teve o contributo da cultura francesa, holandesa e inglesa (sobretudo no Norte e no Nordeste do Brasil), e dos italianos, alemães à imigração no seguimento da abolição da escravidão. (ALMADA, 1992, p. 85-6)

Por meio da ocupação do espaço e através do transcurso de séculos de processo miscigenatório entre o homem europeu e a mulher africana, um novo panorama de construção da identidade individual e coletiva tem surgido naquele país, engendrada em fatos históricos e culturais presentes nas diversas formas de representação literária de seus escritores, sob o deságua de ideologias relativas à ruptura com o arquétipo gerado pelo sujeito colonizador na cultura e sociedade cabo-verdiana.

Neste viés, mister se faz destacar o caráter inegável das recentes contribuições no âmbito das literaturas africanas na produção de conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes nas nações que integram o macrossistema das literaturas de língua portuguesa, bem como para a compreensão de inúmeros aspectos da cultura destes países, considerando a forma, conteúdos e temas presentes em tais obras. Inúmeros escritores utilizaram a força das palavras para dar substrato ao processo de formação da identidade nacional cabo-verdiana, consubstanciada no fazer literário baseado na divulgação de aspectos da chamada cabo-verdianidade, sobressaindo as produções literárias de Baltazar Lopes, Manuel Lopes, Arnaldo França, Jorge Barbosa, Eugénio Tavares, Ovídio Martins, Orlanda Amarílis, Germano Almeida, Filinto Elísio, dentre outros.

Deste modo, a discussão no ambiente acadêmico e, sobretudo entre críticos renomados, estudiosos do tema, fixa sua visada no seguinte questionamento: Cabo Verde, de fato, teriam alcançado a plena liberdade no que tange a aspectos relacionados à política, filosofia, arte e literatura?

Para Hall, o pós-colonial é de certa forma, mascarado por um caráter de neodependência em relação aos países “ex-colonizadores”, que seriam os reais protagonistas do controle indireto das ex-colônias, sobretudo economicamente:

[...] a transição para o “pós-colonial é caracterizada pela independência do controle colonial directo, pela formação de novos Estados-nação, por formas de desenvolvimento

econômico dominadas pelo crescimento do capital local e suas relações de dependência neocolonial e o mundo desenvolvido capitalista, bem como pela política que advém da emergência de poderosas que administram os efeitos contraditórios do subdesenvolvimento. É igualmente significativo o facto de ser caracterizado pela persistência dos muitos efeitos da colonização e, ao mesmo tempo, por seu deslocamento do eixo colonizador/colonizado ao ponto de sua internalização na própria sociedade descolonizada. (HALL, 2003, p.110)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de dominação colonial, o sonho de edificação de uma identidade própria nos países colonizados parecia bem longínquo.

Sob a égide do imperialismo, tais nações experimentaram todas as formas de dominação, seja em aspectos políticos, culturais, sociais ou econômicos, o que contribuiu também para uma produção literária que realmente refletisse o panorama de formação das literaturas em tais nações.

Sob este prisma, o presente artigo buscou um norte para a resposta a tal questionamento, não com o escopo de esgotar o assunto relativo à temática da produção literária cabo-verdiana, na busca da construção e consolidação, por meio da literatura, da identidade da nação de Cabo Verde, mas no intuito de compreender a herança das influências sociais, culturais, econômicas e políticas, deixadas pelas metrópoles colonizadoras.

Em tempos atuais, as ex-colônias ainda amargam as consequências desse período nefasto para suas histórias. Por outro lado, a dificuldade de outrora na busca da libertação do jugo colonial é substituída, paulatinamente, pelo aprimoramento de estratégias no sentido de apropriar-se de fato do poder, a fim de obter-se uma identidade própria, por meio da escrita, efetivando-se a oposição ao arquétipo colonial da antiga metrópole colonizadora, constituindo-se, deste modo, um aparelho de luta e asseveração das características identitárias da nação cabo-verdiana.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **De vãos e ilhas – literatura e comunitarismos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.



ALMADA, David Hopffer; SILVA, Silvio Soares da.; CUNHA, Silvia Carvalheira. (orgs.). **Caboverdianidade & Tropicalismo - 2ª Jornada de Tropicologia – 1989/** conferências de David Hopffer Almada. Recife: Massananga, 1992.

ANJOS, José C. Gomes dos. **Intelectuais, literatura e poder em Cabo Verde: Lutas de Definição da Identidade Nacional.** Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2006.

BHABHA, H.K. **O Local da Cultura.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra.** 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa.** São Paulo: Ática, 1986.

HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

FILHO Lopes, J. **Contribuição para o estudo da à cultura cabo-verdiana.** Lisboa: GM artes gráficas, 1983.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador.** Trad. Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MOREIRA, Carlos Diogo. **Identidade e pluralismo.** In: Amante, M. F. (Coord.). **Identidade Nacional: Entre o discurso e a prática.** Porto: Fronteira da Caos Editores & CEPES, 2011.

SAID, E W. **Cultura e Imperialismo.** Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PROCESS (DES) SETTLEMENT RELATED TO STRENGTHENING OF NATIONAL IDENTITY , OF LITERARY PRODUCTION MEANS , IN CAPE VERDE

ABSTRACT: This article brings up concepts and reflections on the post-colonial theory, with emphasis on the research contribution of theories produced by leading theorists of postcolonialism, emphasizing the national identity building process, through literature, archipelago of Cape Verde, as well as taking as an analytical focus some issues intrinsically linked to the Cape Verdean literary trajectory, explaining a new panorama of construction of individual and collective identity in that country, embodied in the ideologies of emptying on the break with the archetype engendered by the subject colonizer culture and Cape Verdean society.

KEYWORDS: Colonization. Decolonization. National Identity. Literature. Cape Verde.